



A psique brasileira e seus monstros

– Tremembé como espelho do inconsciente coletivo

por Camila Camaratta





Camila Camaratta

@camilacamaratta

A série Tremembé expõe a vida na prisão de diferentes personagens e se apresenta no formato de true crime. Ao acompanhar essas histórias, a série toca em aspectos sensíveis da vida social no Brasil: nossa relação com a violência, o modo como lidamos com o medo e a facilidade com que transformamos tragédias em consumo cultural.

Não se trata de “monstros externos”, mas de respostas emocionais que reaparecem repetidamente na nossa vida coletiva.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

Freud, em Psicologia das Massas, mostrou que grupos tendem a escolher figuras para concentrar agressividades e angústias. Tremembé funciona nesse registro: oferece um alvo claro, que organiza ao redor de si tanto a repulsa quanto a curiosidade. É justamente essa convivência entre condenação e interesse que prende o olhar.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

Há ainda o impacto sobre quem viveu a violência de verdade. Familiares das vítimas afirmaram que não assistirão à série, não para negar o fato, mas para não reabrir uma ferida que segue viva. A transformação do trauma em entretenimento é sentida por eles como uma segunda violência.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

E aqui lembro do que Susan Sontag escreveu em Diante da dor dos outros: quem sofreu não olha para uma imagem de violência da mesma forma que quem observa de longe. A distância estética, que protege o espectador, não protege quem perdeu alguém.

A reação de uma das presas retratadas, que pretende processar os responsáveis pela produção da série, é outro lembrete de que a ficção não controla totalmente os efeitos quando se aproxima demais da dor real.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

Dostoiévski ajuda a iluminar outro ponto delicado. Em Os Irmãos Karamázov, Ivan afirma:

“Fala-se às vezes da ‘crueldade bestial’ do homem, mas isso é uma grande injustiça e uma ofensa às feras; uma fera nunca pode ser tão cruel quanto o homem, tão engenhosamente, tão artisticamente cruel.”





Camila Camaratta

@camilacamaratta

A frase é direta: a violência humana pode ser criativa e calculada. Ao tratar personagens violentos com elaboração estética, a série se aproxima dessa “crueldade engenhosa”, despertando um interesse que nem sempre se distingue do fascínio.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

Freud, no ensaio *Dostoiévski e o Parricídio*, observa que o escritor russo não suaviza o crime: ele expõe o conflito interno, a culpa e o desejo de punição que acompanham o ato. Em Tremembé, essa dimensão aparece diminuída.

A narrativa privilegia os fatos, o drama das relações e o choque das ações, mas reduz o peso da consciência. E quando a violência se transforma em objeto de consumo, a experiência subjetiva — das vítimas e até dos agressores — tende a desaparecer.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

Há também um movimento maior em curso: um relativismo moral que atravessa o nosso tempo. A exposição constante a narrativas violentas, tratadas como produto cultural, reduz o impacto emocional que deveriam causar. Soma-se a isso a tendência atual de explicar psicologicamente tudo, como se compreender a motivação fosse suficiente para diluir a gravidade do ato.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

Em um país cansado, atravessado pelo medo cotidiano e por instituições frágeis, essa combinação cria uma distensão ética: aquilo que deveria convocar responsabilidade passa a ser recebido como curiosidade.

É nesse terreno instável que obras como Tremembé encontram tanta receptividade — porque permitem olhar para a violência sem precisar enfrentá-la.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

No fim, a ficção suaviza o remorso, transforma o transgressor em nuance dramática e esvazia parte do peso que a violência tem na realidade. Tremembé faz o espectador oscilar entre repúdio e interesse — e essa oscilação diz tanto sobre a nossa sociedade quanto sobre a série.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

No fundo, o país assiste a Tremembé como quem espreita a própria ferida: dividido entre o impulso de olhar e o desejo de afastar. Parte do desconforto não vem do enredo, mas do reconhecimento de que aquilo que nos choca também emerge das condições sociais que produzimos.





Camila Camaratta

@camilacamaratta

E enquanto não elaborarmos essas violências — políticas, institucionais e afetivas — continuaremos buscando monstros externos para evitar olhar para os nossos. Porque encarar monstros externos exige indignação; encarar nossos monstros exige transformação.



Acesse este
e outros textos em:
camilacamaratta.com.br

